

**DESTINOS DA VIOLÊNCIA FRENTE À MULHER <sup>1</sup>**  
**OU**  
**PORQUE NEM TODOS OS CAMINHOS LEVAM A ROMA**

Maria Theresa da Costa Barros <sup>2</sup>

Introdução

Em primeiro lugar quero agradecer ao convite para participar desse XIV Fórum sobre Violência e Doença Mental e dizer que iniciei a minha vida profissional, aqui, neste Hospital, na época, Hospital de Clínicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como coordenadora do Setor de Psicologia da Unidade Clínica de Adolescentes. Neste momento, estou começando a desenvolver uma pesquisa de campo, junto à RAMA – Rede de Assistência à Mulher Adolescente, parte de um projeto de pesquisa de pós-doutorado: “Violência, TÔ FORA! Uma Investigação das Relações entre Juventude, Violência e Feminilidade”, sob orientação do Psicanalista Joel Birman.

Em seu texto, “**A Ordem do Discurso**”, Foucault nos coloca as seguintes indagações: *“Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as*

---

<sup>1</sup> Apresentado no XIV Fórum de Psiquiatria FCM / UERJ – Doença Mental e Violência, na Plenária: Linguagens do Medo, em 23 / 11 / 2006.

<sup>2</sup> Psicanalista, Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da UERJ, Membro do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, EBEP, Pós-Doutoranda pelo IMS/UERJ, realiza pesquisa ao nível de pós-doutorado, no Instituto de Medicina Social da UERJ, sob orientação do Psicanalista e Professor Joel Birman, sobre as “Relações entre Violência, Juventude e Feminilidade”.

*peças falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?”*<sup>3</sup>

Sem pretendermos dar conta dessa questão, gostaria apenas de sublinhar, que na opinião de Foucault, em nossos dias:

*“(…) as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e da política: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes”.*<sup>4</sup>

Assim, *“por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder.”*<sup>5</sup> Em nossa civilização ocidental, a questão da violência se inscreve tanto na ordem do discurso, quanto nas relações de poder: *“a verdade e o ser do poder consistem na violência e não se pode pensar no poder sem o seu predicado, a violência.”*<sup>6</sup> Logo, a recíproca também é verdadeira, não se pode pensar a violência desvinculada das relações de poder.

Numa passagem de **“Para além do bem e do mal”**, Nietzsche circunscreve esse campo de reflexão que diz respeito ao espaço político onde se constituem as relações de poder, sem se importar muito com a oposição entre verdadeiro e o falso, é com fina ironia que ele enuncia:

*“Se é verdade que em todas as épocas, desde que os homens existem, houve também grupos humanos (associações sexuais, comunidades, tribos, nações, igrejas, estados) e sempre um grande número de homens obedecendo a um pequeno número de*

---

<sup>3</sup> **FOUCAULT**, M. A Ordem do Discurso Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, 1996, p. 8.

<sup>4</sup> **FOUCAULT**, M. Op. cit., 1996, p. 9-10.

<sup>5</sup> Idem, idem.

*chefes; se conseqüentemente, a obediência é aquilo que foi por mais tempo melhor exercido e cultivado entre os homens, temos o direito de presumir que em regra geral cada um de nós possui em si mesmo a necessidade inata de obedecer, como uma espécie de consciência formal que ordena: Farás isso sem discutir; privar-te-ás daquilo sem reclamar.”<sup>7</sup>*

E o que é mais espantoso, que essa obediência prossiga nesses tempos de uma pós-modernidade, e tal fato constitui o que Bourdieu denomina de “paradoxo da dóxa”:

*“o fato de que a ordem do mundo, tal como está, com seus sentidos únicos e seus sentidos proibidos, em sentido próprio ou figurado, suas obrigações e sanções, seja grosso modo respeitada, que não haja um maior número de transgressões ou subversões, delitos e ‘loucuras’ (...) ou, o que é ainda mais surpreendente, que a ordem estabelecida, com suas relações de dominação, seus direitos e suas imunidades, seus privilégios e suas injustiças, salvo uns poucos acidentes históricos, perpetue-se apesar de tudo tão facilmente, e que condições de existência das mais intoleráveis possam permanentemente ser vistas como aceitáveis ou até mesmo como naturais.”<sup>8</sup>*

Logo, falar dos destinos da violência na sociedade contemporânea ocidental é também, falar de relações de obediência, de subserviência, ou quando a obediência vira revolta, de ódio. Falar de violência frente à mulher é falar de relação entre os sexos, pois a dominação masculina, na forma como é imposta e vivenciada, é o exemplo por excelência de uma submissão paradoxal, resultante do que Bordieu denomina justamente, violência simbólica. Chegamos assim, a esta outra forma de violência, uma violência suave, insensível e invisível para

---

<sup>6</sup> **CLASTRES, P. A Sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política**; tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro, F. Alves, 1978, p.10.

<sup>7</sup> Idem, idem, p. 7.

<sup>8</sup> **BOURDIEU, P. A Dominação Masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 4<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, Op.cit., p. 7.

quem a sofre, pois é exercida pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou do (des) conhecimento e do (re) conhecimento, em última análise do sentimento.<sup>9</sup>

No entanto, se queremos falar de relação entre os sexos é necessário avançarmos em nossa temática, sempre mantendo como pano de fundo o cenário de uma perspectiva histórico-cultural. Em sua “**História da sexualidade**”, Foucault também afirma que o sexual é um elemento dotado de grande instrumentabilidade nas relações de poder e, se presta como ponto de apoio e articulação para os mais diversos projetos políticos.<sup>10</sup> Por isso, julgamos oportuno traçar uma genealogia mínima dos discursos que no Ocidente apontam para as relações entre os sexos, pois do lado da mulher, daquela que nasceu da costela de Adão, historicamente, sabemos que recaiu, e não por acaso, a parte obscura, imperfeita e incompleta dessa divisão entre os sexos, pois como nos fala Simone de Beauvoir:

*“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de um outrem pode constituir um indivíduo como Outro.”<sup>11</sup>*

Vamos então, procurar enunciar alguns estratégias de que a Civilização Ocidental lançou mão na construção desse Outro Feminino, Fêmea e Mulher em nossa Cultura, para só depois então, pensarmos sobre os destinos da violência frente à mulher. Em seu livro mais recente,

---

<sup>9</sup> BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Op. cit., 2005, pp. 7-8.

<sup>10</sup> NUNES, S. <sup>a</sup> **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha. Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminnilidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 12.

**“Arquivos do Mal Estar e da Resistência”**<sup>12</sup>, Birman descreve esta genealogia mínima das relações entre os sexos no Ocidente, na tradição patriarcal, para em seguida indicar a inscrição e a diferença que o discurso freudiano introduziu no campo desta tradição. Acreditamos, ao tomar esta via, poder chegar ao ponto central de nossa reflexão: os destinos da violência frente à mulher, pois como nós sabemos, nem todos os caminhos levam a Roma.

Situar o contexto sócio-histórico que é o nosso, é sempre um exercício que nos permite tomar uma certa distância em relação ao nosso próprio ponto de vista e, nos faz sentir uma salutar sensação de estranheza frente aquilo que por ter se tornado familiar, acabamos “naturalizando” e “esquecemos” que se trata, justamente, de uma construção histórico-social.

E o que é visto como mais natural na ordem social do que a diferença e a divisão entre os sexos? O traçado de uma genealogia possibilita evidenciar justo o contrário, que essa diferença e divisão entre os sexos é uma construção, fruto de espaços históricos, sociais e culturais. Logo, fruto de um espaço político e, que nos possibilita afirmar, sem medo de errar, que sobre essa construção histórico-social no Ocidente, foi montado um dispositivo para o exercício de uma violência simbólica implacável, sobre homens e mulheres, a partir daquilo que lhes é ao mesmo tempo o mais íntimo e o mais estranho ao seu ser. Sim, porque se há uma armadilha que devemos evitar é tornar a mulher vítima ou mártir da violência masculina, ambos, homens e mulheres, se assim podemos falar, sofrem e

---

<sup>11</sup> **BEAUVOIR, S. O Segundo sexo.** Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 9.

reagem a esta violência simbólica, e esta é a grande novidade que foi enunciada ao final da produção do discurso psicanalítico, pelo seu fundador, em *Análise Terminável e Interminável* como “desautorização da feminilidade”, ou seja o reconhecimento da feminilidade como origem da sexualidade e da diferença sexual, tanto para os homens quanto para as mulheres, nas palavras de Freud:

*“Tanto nas análises terapêuticas quanto de caráter, é chamativo o fato de que dois temas se destaquem em particular e dêem guerra ao analista em medida desacostumada. (...) Os dois temas estão ligados a diferença entre os sexos; um é tão característico do homem como o outro é da mulher. Apesar da diversidade de seu conteúdo, são correspondentes manifestos. Algo que é comum a ambos os sexos foi comprimido, em virtude da diferença entre os sexos, em uma outra forma de expressão. Esses dois temas em recíproca correspondência são, para a mulher, a inveja do pênis – o positivo querer-alcançar a posse de um genital masculino, e para o homem, a revolta contra sua atitude passiva ou feminina em relação a outro homem.”*<sup>13</sup>

Pensar a feminilidade como a origem e o originário do sujeito, tanto para homens quanto para mulheres, como o território inaugural do erotismo é, realizar uma volta de 180 graus, em relação ao antigo paradigma do masculino como originário, que se encontra nas fundações do pensamento ocidental desde os gregos e o cristianismo até a modernidade. Com isso torna-se possível redimensionar e reconfigurar determinados valores que durante todo esse tempo obsecaram o imaginário ocidental, ou

---

<sup>12</sup> **BIRMAN**, J. “Psicanálise e a tradição do patriarcado: o feminino e o sentido” In **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2006, p. 304.

<sup>13</sup> **FREUD**, S. “Análisis terminable e interminable” (1937) In **Obras Completas**. Vol. XXIII; Amorrortu Editores, 1989, pp. 251-252.

seja as noções de perfeição, completude e beleza <sup>14</sup>. É a partir dessa nova perspectiva que queremos pensar sobre os destinos da violência frente à mulher.

### Anatomia de um destino

A crença de que a mulher é inferior ao homem, e ocupa em relação a este uma posição subalterna, foi construída e sustentada no Ocidente, até a década de sessenta no século XX, quando os movimentos feministas levantaram suas bandeiras contra essa forma de segregação das mulheres. Porém, inicialmente, esta crença estava apoiada em dois sistemas de pensamento que se mantiveram até começos do século XVII: a teoria dos humores aristotélico-galênica e a descrição judaico-cristã. <sup>15</sup> A partir do século XVIII, com o surgimento do discurso iluminista, não era mais possível, continuar afirmando esta hierarquia entre os sexos e, ao mesmo tempo, difundir os ideais de igualdade entre os cidadãos. Logo, a solução encontrada, como veremos, foi uma naturalização da diferença sexual, que nesse período se inscreveu em uma “*natureza biológica*” distinta para homens e mulheres. Essa nova interpretação da diferença sexual, ainda apresentava a vantagem de oferecer uma justificativa, para a atribuição de funções sociais distintas.

Logo, ao enfocarmos as relações entre os sexos no Ocidente, identificamos dois paradigmas diferentes. O primeiro, perdurou até o século

---

<sup>14</sup> BIRMAN, J. **Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, pp. 243.

XVIII, foi esboçado por Aristóteles e desenvolvido por Galeno – afirmava a existência de um único sexo. Nesse modelo não havia diferença anatômica entre os sexos, pois os órgãos presentes em cada um dos sexos eram correspondentes aos que existiam no outro. O que variava era a “exteriorização” da genitália masculina em contraposição à “interiorização” da genitália feminina, fato este atribuído à presença diminuída do humor quente no corpo feminino.<sup>16</sup>

Logo, se havia diferença, esta era eminentemente espacial e posicional, na medida em que a genitália feminina seria invaginada e a masculina, projetada para fora. Mas, a essa diferença, em princípio puramente espacial e posicional, foi atribuído um valor, da superioridade masculina perante a feminina. Portanto, o paradigma do sexo único não tinha nada de igualitário, muito pelo contrário, era eminentemente hierárquico, em suas relações com a perfeição e a verdade: a figura do homem é marcada pela perfeição, enquanto a da mulher pela imperfeição.

Mas por qual critério era medida esta maior ou menor perfeição entre os sexos? É que a menor quantidade de calor presente no corpo feminino era responsável por esta inversão, pois não permitia que os órgãos se externalizassem. Logo, o que determinava a posição nessa linha contínua que ia da imperfeição à perfeição era a quantidade de calor presente no corpo. O homem por possuir mais calor era um ser perfeito, com os órgãos externalizados, as mulheres poderiam atingir a perfeição caso, “virassem” homens, o que espantosamente era considerado uma possibilidade dada

---

<sup>15</sup> NUNES, S. <sup>a</sup> **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha. Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 29.

pela natureza. No entanto, a recíproca não era verdadeira, um ser nascido perfeito, jamais poderia deixar de ser, ou seja, um homem jamais podia virar uma mulher.<sup>17</sup> Assim, por esses critérios de perfeição e imperfeição, o homem se inscreve no espaço da luminosidade, enquanto a mulher está imersa no espaço obscuro da interioridade corporal. A perfeição masculina se torna evidente por sua atividade, enquanto a imperfeição feminina seria marcada pela passividade.<sup>18</sup>

Com o aparecimento do discurso iluminista, que teve seu ápice na Revolução Francesa e enunciava a igualdade de direitos, tornou-se imperativo articular a hierarquia existente entre os sexos com o novo discurso da igualdade de direitos entre os cidadãos – a solução encontrada para este impasse foi a “naturalização” da diferença sexual.<sup>19</sup>

Com isso, ficava demonstrado que pela sua conformação anatomofisiológica, o corpo feminino destinava as mulheres à maternidade. Logo, parecia bastante lógico e natural que apresentassem um menor desenvolvimento intelectual, e uma imaturidade, perante a qual estava justificada sua subalternidade em relação aos homens. Estes por sua vez, foram colocados como representantes da cultura pelos traços de sua racionalidade, e, pelo domínio que faziam de sua afetividade pela razão, característica que os destinava à ação no espaço público. É evidente que uma tal leitura diferencial das faculdades morais derivada da conformação

---

<sup>16</sup> **BIRMAN, J.** “Psicanálise e a tradição do patriarcado: o feminino e o sentido” In **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Op. cit. , 2006, p. 304-305.

<sup>17</sup> **NUNES, S.ª** **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha. Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminnilidade**. Op. cit., 2000, p. 31.

<sup>18</sup> **BIRMAN, Joel** **Arquivos do mal-estar e da resistência**.Op. cit., 2006, pp. 305-6.

<sup>19</sup> Idem, idem, 2006, p. 306.

biológica dos sexos foi o pivô inequívoco de uma “justa” divisão de poder entre estes.<sup>20</sup>

Essa nova interpretação da diferença sexual criou as condições de possibilidade para consolidar as imagens sexuais-sociais da mulher como mãe e do homem como pai. Esta consolidação se deu tanto por uma valorização negativa – a condenação do sexo não-procriativo, o vício, quanto pela positiva. Nesta, a mulher é constituída como um ser frágil, sensível e dependente. Com isso invertem-se os valores destes mesmos atributos, na medida em que na época medieval, a eles tinha sido atribuído o excesso de sexualidade na mulher e daí sua transformação em feiticeira – mal maléfico. Agora, neste novo contexto histórico iluminista, esses mesmos atributos passam a adquirir valores positivos, provas indubitáveis da inocência e da bondade naturais da mulher, que só a maternidade pode conseguir preservar. A figura materna precisa preencher então, este ideal de uma figura assexuada, para que estes mesmos atributos possam sofrer esta alquimia de valores negativos em positivos. Por outro lado, a naturalização da diferença sexual oferece ainda uma outra vantagem, de manter as mulheres longe da força de trabalho e da competição pela herança paterna. Então, tudo, na mulher, se torna oriundo da natureza, e, assim foi traçado este seu destino inexorável, ser mãe, conseqüentemente, seu espaço próprio é a casa. Em contraposição à natureza, a figura paterna, enquanto representante da masculinidade, é colocada do lado da Cultura. Afora a virilidade, que nessa época ainda era um atributo considerado natural (nessa época ainda não tinha sido inventado nem a psicanálise, nem o viagra),

---

<sup>20</sup> **BIRMAN**, Joel **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Op. cit., 2006, pp. 307.

porém, todos os demais atributos masculinos são sociais: responsabilidade, autoridade, austeridade. Provedor da casa, a figura masculina atua no espaço público: tanto no mercado quanto na política.<sup>21</sup>

Com a modernidade, na passagem do século XIX para o XX, chegamos aos tempos de Freud, fundador de um novo saber da subjetividade: nem neurologia, nem psiquiatria, mas o novo saber psicanalítico e seu único e legítimo criador, Sigmund Freud, que algumas militantes feministas viram como “o molesto falocrata de uma Viena pudibunda e decadente, que imagina as mulheres como sub-homens, homens castrados.”<sup>22</sup>

### Castrados ou sujeitos à linguagem

Antes de ultrapassar esta visão que as feministas, não sem razão, cultivaram de Freud, e chegarmos aos destinos da violência frente à mulher em nossa conturbada pós-modernidade dos começos do século XXI, é preciso primeiro circuncrever o sentido da noção de *castração* que Freud nos legou, tanto para nós mulheres quanto para os homens, a todos nós que fomos constituídos dentro deste caldo de cultura ocidental judaico-cristã e, triturados nos dispositivos históricos-culturais sobre as diferenças entre os sexos.

Mas o que Freud irá constatar em sua clínica psicanalítica, a respeito das formações imaginárias próprias do discurso dos neuróticos dos

---

<sup>21</sup> CHAUI, M. Repressão sexual. Essa nossa desconhecida. Editora Brasiliense, São Paulo, 1984, 2ª. Ed., pp. 134-5.

dois sexos? O fundador da psicanálise constata uma *angústia* ou um medo da castração e uma *inveja* raivosa do pênis. Mas afinal de contas, o que isso tudo significa? Apenas que o discurso neurótico, do homem e da mulher, apresenta uma lógica, que só é possível de ser compreendida se admitirmos suas causas fundamentais: a fantasia de cena primitiva e de castração. Ainda que, enquanto fantasias não se façam presentes na realidade propriamente dita.

A partir de textos freudianos, como – A Interpretação dos Sonhos e os do denominado período Metapsicológico – pode-se fazer uma leitura da castração como uma *“construção imaginária que se apóia num mecanismo psíquico constituidor do campo simbólico e de todo ser que nele se inscreve”*.<sup>23</sup> Nesse sentido, para que a linguagem possa advir, é necessário que se instale uma separação de um estado de prazer fusional, para que possa ser instaurada uma rede articulada de diferenças, referindo-se a objetos separados de um sujeito, e que isso possa constituir o sentido.

Para que esta operação constitutiva do simbólico e do social possa aparecer em sua verdade, e possa ser entendida pelos dois sexos, vários aspectos precisam ser examinados. O primeiro, demonstrado pela escuta analítica é que, na fantasia, o pênis se torna a principal referência dessa operação de separação e dá pleno sentido à falta ou ao desejo que é constitutivo do sujeito quando este se inclui na ordem da linguagem. O segundo, é que é necessário inscrever, nessa operação, toda a série de privações e de exclusões que acompanham a angústia de perder o pênis, e

---

<sup>22</sup> KRISTEVA, J. As Novas Doenças da Alma. Tradução de Joana Angélica D'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 225-233.

<sup>23</sup> KRISTEVA, J. As Novas Doenças da Alma. Op. cit., 2002, p. 226.

que impõem a perda da completude e da totalidade. A castração se configura então como o conjunto dos “cortes” indispensáveis ao advento simbólico.<sup>24</sup>

### Do sacrifício ao terror

Para falar sobre os destinos da violência frente à mulher, na cultura ocidental, tomaremos um caminho que passa pela possibilidade de enunciar uma questão que diz respeito às mulheres, atualmente, ainda que nem todas estejam conscientes das transformações que acompanharam seu despertar, e esta questão pode ser colocada através da seguinte pergunta: *“qual é o nosso lugar no contrato social?”*<sup>25</sup>

Não podemos esquecer de que, há um século, os antropólogos e os sociólogos têm repetido à exaustão sobre a sociedade-sacrifício revelada pelos pensamentos selvagens, as guerras, os discursos de sonhos ou pelos grandes escritores. Tudo isso cria as condições para uma reelaboração da questão metafísica do *mal*. Porque *“se a sociedade está de fato estabelecida sobre uma morte executada em comum, é assumindo a castração fundadora do contrato social e simbólico que os seres humanos procrastinam a morte. Eles (a) simbolizam e, conseguem assim se dar uma oportunidade de transformar o caos maléfico em ordem sócio-simbólica satisfatória”*.<sup>26</sup>

Por isso ao nos perguntarmos sobre o lugar das mulheres neste contrato social, é porque esse contrato, distante de ser aquele dos homens

---

<sup>24</sup> Idem, idem.

<sup>25</sup> KRISTEVA, J. As Novas Doenças da Alma. Op. cit., 2002, p. 226.

iguais, encontra-se *“fundado sobre uma relação, em última análise sacrificial, de separação e de articulação de diferenças, produzindo assim um sentido comunicável”*.<sup>27</sup> Estabelecido este ponto, podemos nos indagar, qual é o nosso lugar nessa ordem do sacrifício e/ou da linguagem? Por que se não queremos mais ser daí excluídas ou se não nos basta desempenhar a função que até então tivemos, de manter, acomodar, fazer durar esse contrato sócio-simbólico – enquanto mães, esposas, enfermeiras, médicas, professoras, psicólogas...e psicanalistas, de que forma seria possível *“manifestar aí nosso lugar, legado pela tradição e que desejamos transformar?”*<sup>28</sup>

Como se sentem as mulheres dentro dessa estrutura psicossimbólica? Não é muito simples responder a esta pergunta, porque justamente neste relacionamento das mulheres com o simbólico, tal como se manifesta agora, nem sempre fica claro o que depende de uma conjuntura sócio-histórica (ideologia patriarcal, cristã, humanista, socialista etc.) ou de uma estrutura. Mas, o que se percebe é que as mulheres se sentem como a mercadoria recusada da linguagem e do vínculo social.

Não restam dúvidas de que só podemos falar de uma estrutura observada num contexto sócio-histórico, o da civilização cristã ocidental e de suas ramificações leigas. E, nesse contexto o que está ocorrendo com as mulheres? Que elas não encontram aí os afetos nem as significações das relações que mantêm com a natureza, com seus corpos, com o da criança, o de outra mulher ou de um homem. Se tal frustração não é estranha nem a

---

<sup>26</sup> KRISTEVA, J. As Novas Doenças da Alma. Op. cit., 2002, p. 228.

<sup>27</sup> Idem, Op. cit., 2002, p. 226-7.

<sup>28</sup> Idem, Op. cit., 2002, p. 227.

certos homens, que dirá às mulheres, e, não é casual que tenha se tornado o essencial da nova ideologia feminista.

Uma das conseqüências é que, se parece difícil para as mulheres, se não mesmo impossível, poder aderir inteiramente a esta lógica sacrificial de separação e encadeamento sintático que fundamenta a linguagem e o código social – uma tal impossibilidade, termina desembocando numa espécie de beco sem saída – pela rejeição do simbólico, vivida como uma rejeição da função paterna, que gera as psicoses.

As mulheres, por sua vez, afirmam hoje que, se submetem contra sua própria vontade a esse contrato sacrificial. Com isso só lhes resta se revoltarem ou pelo menos, buscar uma revolta, revolta que tem para elas, o sentido de uma ressurreição. Porém, para o conjunto social como um todo, essa revolta é uma recusa que pode conduzir à violência entre os sexos: ódio, assassinato, desintegração do casal, da família. Ou então, a uma inovação cultural. O mais provável, é que conduza a ambas as coisas ao mesmo tempo. Seja como for, a aposta foi lançada, e é da época. Lutando contra o mal, reproduz-se o mal, dessa vez no seio do vínculo social (homem-mulher).

Agora, o que ocorre se as mulheres chegam a ocupar postos de comando no Executivo, na indústria, na cultura? Ou melhor dizendo, o que acontece quando as mulheres ascendem ao poder e se identificam com ele? Ou o que acontece quando, ao contrário, o recusam e, a partir desta recusa criam uma sociedade paralela, um contrapoder, do clube de idéias ao comando de choque?

O que tem sido constatado é que, a chegada das mulheres ao poder Executivo, industrial, cultural, não modificou a natureza desse poder. As mulheres promovidas aos postos de comando e que obtêm subitamente vantagens econômicas, assim como narcísicas, recusadas durante milênios, tornam-se os pilares dos regimes em vigor, as guardiãs do *status quo*, as mais zelosas protetoras da ordem estabelecida. A suposta democratização das instituições pelo acesso das mulheres a elas é, mais freqüentemente, traduzida pela fabricação de alguns “chefes” no feminino.

Mais radicais, algumas correntes feministas buscam recusar o poder existente e, fazer do segundo sexo uma *contra-sociedade*. Constitui-se assim, uma sociedade feminina, espécie de alter ego da sociedade oficial, na qual se refugiam as esperanças de prazer. Contra o contrato sócio-simbólico sacrificial e frustrante: a contra-sociedade imaginada harmoniosa, sem interdições, livre e prazerosa.

Como toda sociedade, a contra sociedade também se funda sobre a expulsão de um excluído. Assim, o bode expiatório carregado do mal purga a comunidade constituída, que mais se põe em questão. Os movimentos reivindicativos modernos reiteram muitas vezes esse modelo, designando um culpado para preservar-se das críticas: o estrangeiro, o capital, a outra religião, o outro sexo. No extremo dessa lógica, o feminismo não teria se tornado um sexismo invertido?

As diferentes marginalizações – de sexo, de idade, de religião, de etnia, de ideologia – representam no mundo moderno, um refúgio da esperança, a transcendência laicizada. Mas para as mulheres, à medida que cresce o número das que se interessam por sua diferença, embora sob

formas menos espetaculares do que alguns anos atrás, torna-se pesado o problema da contra-sociedade: esta ocupa nada mais nada menos do que “a metade do céu”.

Os movimentos reivindicativos, inclusive o feminismo, não são “inicialmente libertários” e apenas posteriormente dogmáticos. Não é pela malícia de algum desvio interno ou manipulação externa que eles recaem na trilha dos modelos combatidos. A própria lógica do contrapoder e da contra-sociedade gera, por sua própria estrutura, sua essência de ser um simulacro da sociedade ou do poder combatidos. O feminismo moderno terá sido apenas um momento no interminável processo de advento de uma consciência sobre a implacável violência (separação, castração) que constitui todo contrato simbólico.

Já se ressaltou o importante número de mulheres nos grupos terroristas (comandos palestinos, Baader-Meinhof, brigadas vermelhas, etc.). Em uma realidade mais próxima a nós, temos os comandos vermelhos e outros, que se não se caracterizam como grupos terroristas propriamente falando, mas nem por isso deixam de recrutar seus exércitos de suicidas voluntários, entre os quais contam-se muitas mulheres.

Como a exploração feminina é muito grande e os preconceitos tradicionais contra as mulheres são muito violentos, fica difícil observar tal fenômeno com distância suficiente. Mas podemos afirmar que ele é produzido por uma denegação do contrato sócio-simbólico e pelo contra-investimento desse. Esse é um mecanismo de tipo paranóico que se encontra na base de todo engajamento político e pode gerar diferentes atitudes civilizadoras. E, o solo mais propício para isso se dá, quando:

*“Uma mulher é muito brutalmente repelida, quando sente seus afetos de mulher ou sua condição de ser social, ignorados por um discurso e um poder em exercício, de sua família às instituições sociais, pode por contra-investimento dessa violência sofrida, fazer-se agente ‘possuída’ da mesma violência: Ela combate sua frustração com armas que parecem desproporcionais, mas que não o são ante o sofrimento narcísico de onde se originam”.*<sup>29</sup>

Forçosamente opositiva aos regimes das democracias burguesas em vigor, essa violência terrorista se dá, como programa de liberação, uma ordem ainda mais repressiva, sacrificial do que aquela que combate. De fato, não é contra regimes totalitários que esses grupos terroristas com participação feminina se manifestam, mas contra regimes liberais em expansão democrática. A mobilização se faz em nome de uma *nação*, de um grupo oprimido, de uma *essência* humana imaginada boa e sã.

Nesse tipo de apelo, que encontra resposta e ressonância entre as mulheres, podemos identificar a presença da fantasia de uma completude arcaica que uma ordem *arbitrária*, *abstrata* e por isso mesmo *má* teria vindo perturbar. Ainda que acusada de ser opressora, não seria antes por ser muito fraca que esta ordem está sendo recusada? Por não ter o peso necessário ante uma substância imaginada pura e boa, mas doravante perdida, à qual a mulher marginalizada aspira?

A ordem social é sacrificial, constata a antropologia, e por que não a psicanálise? Quando Freud constrói seu mito fundador da cultura moderna ocidental, a Cultura se funda em um ato violento – o assassinato do pai da horda primitiva. Mas o sacrifício detém a violência e acarreta uma ordem (prece ou paz social, a união dos mais fracos contra a lei do mais forte).

---

<sup>29</sup> KRISTEVA, J. As Novas Doenças da Alma. Op. cit., 2002, p. 231

Recusá-la significa expor-se à explosão da pretensa substância boa, que se desencadeia, sem freio, sem lei nem direito, como uma arbitrariedade absoluta.

Consecutivas à crise do monoteísmo, as revoluções, de dois séculos para cá, e mais recentemente o facismo e o stalinismo, puseram tragicamente em cena essa lógica da boa vontade oprimida concluindo-se no massacre. Uma pergunta que se impõe: Estarão as mulheres mais aptas que outras categorias sociais para abastecer a máquina implacável do terrorismo? Pode ser suficiente assinalar que, desde a alvorada do feminismo, e mesmo antes dele, mulheres fora do comum se manifestam freqüentemente pelo homicídio, pelo complô, pelo atentado. A eterna dívida em relação à mãe torna uma mulher mais vulnerável na ordem simbólica, mais frágil quando a experimenta, mais virulenta quando quer se defender dela.

Se o arquétipo da crença numa substância boa e sã, próprias das utopias, é a crença na onipotência de uma mãe arcaica, plena, total, englobante, sem frustração, sem separação, sem corte produtor de simbolismo (sem castração), compreende-se que seja impossível desarmar as violências mobilizadas sem pôr em questão precisamente esse mito da mãe arcaica. A invasão dos movimentos femininos pela paranóia foi registrada, e conhece-se a escandalosa frase de Lacan: “A Mulher não existe.” De fato, ela não existe como A detentora de uma plenitude mítica, potência suprema, sobre a qual se apóiam o terror do poder e o terrorismo enquanto desejo de poder. Mas que força de subversão! Que brincadeira com fogo!

Assim chegamos ao fim com a esperança de um novo começo, porque o homem e a mulher foram criados para que houvesse um começo, pelos caminhos que forem possíveis de serem trilhados...

Rio de Janeiro, 21 de novembro de 2006

Maria Theresa da Costa Barros

